#### A AUTORA

# Maria Ignês Carlos Magno

Professora Doutora do curso de Pedagogia do Centro Universitário Salesiano de São Paulo e da Universidade Anhembi Morumbi. E-mail: unsig@globo.com

# ESPAÇO PARA REFLEXÃO

abemos que as mudanças são constantes e, na maioria das vezes, imperceptíveis. Quando as descobrimos ou as enxergamos, já invadiram nossas vidas e nosso cotidiano. Passamos, então, a viver o impasse que se estabelece entre a simples adaptação e a necessidade de contextualizar, de perceber o diálogo existente entre permanências e mudanças para nos situarmos e continuarmos atuando na história que o presente delineia. O óbvio (que não é tão óbvio) é sabermos que a história é outra, que as relações de produção, de trabalho, de ensino e aprendizagem e sociais são outras.

No campo educacional, os significados da instituição escolar, do professor, do aluno, da família, do conhecimento se alteraram frente às necessidades impostas pelo mercado de trabalho, pelas novas configurações do sistema capitalista de produção, pelas constantes inovações tecnológicas e pela crescente convivência com os meios de comunicação de massa. O sólido conceito da escola como a única instituição capaz de dar formação aos jo-

vens caiu e as muitas fragilidades do atual sistema e políticas educacionais foram expostos nessa outra história que ora se configura. No atual desenho social, a escola precisou deslocar seu foco de atenção e atuação, rever-se como instituição de ensino, reavaliar seu sentido junto à sociedade, à família (que também já não é a mesma) e se ressignificar diante das novas exigências históricas, ou seja, mudar para continuar, de uma outra maneira, a ter seu sentido inicial e essencial que é ou deveria ser o espaço de educação, de convivência, de produção de conhecimentos, de formação humana e humanista.

Neste contexto de tantas modificações e teorias que vêm ocorrendo na educação, é natural que tudo isso se estenda ao professor, exigindo dele novas práticas e metodologias de trabalho. No entanto, essa nova realidade que se instaurou em nosso cotidiano escolar e profissional, ao mesmo tempo em que desloca o chão conhecido e mostra que as reflexões são necessárias, faz aflorar as contradições do ensino, da escola, da política educacional e,

principalmente, da situação e condição do professor na atual complexidade histórico-social. Contradição porque, se de um lado permite que o professor discuta e busque novos espaços de atuação e práticas educativas, de outro, revela, ironicamente, que o professor que tem como base diária de seu trabalho a produção de conhecimentos, não tem tempo de buscar seus próprios e novos conhecimentos para melhor estruturar suas aulas e seus projetos. Nas refinadas formas de exploração desenvolvidas pelo atual sistema capitalista, sua jornada de trabalho também foi atingida, juntamente com a ausência de uma política educacional efetiva que se preocupe em oferecer oportunidades ao professor de aprender, dificultando e retardando a formação e a qualificação de profissionais da educação.

#### ESCOLA E PROFESSOR

É claro que a discussão é longa e essas poucas linhas tiveram a intenção de levantar alguns aspectos da imensa problemática que envolve a escola e o professor nos dias atuais. Acreditando sempre no valor e no poder das reflexões, selecionei quatro filmes, que, a despeito de seus diferentes conteúdos, podem ser discutidos em reuniões pedagógicas e em sala de aula, porque são confluentes em três dos aspectos que tanto os professores como as escolas vivenciam atualmente: a amizade e aprendizados; as difíceis relações sociais, a urgência de se estar em dia com as teorias e as propostas pedagógicas. Se hoje nas escolas uma das discussões que ocorrem é a da necessidade de aprendermos através de projetos, por que não e também pelos meios de comunicação de massa? Os fil-

mes selecionados são: Concorrência desleal, de Etore Scolla; Bagdad café, de Percy Adlon e Christofher Doherty; O céu de outubro, de Joe Johnston e A era do radio, de Wood Allen. São filmes narrados por crianças e jovens e que têm na amizade e nos laços afetivos um de seus pontos comuns: Concorrência desleal conta a história de uma amizade que superou a intolerância histórica; em Bagdad café, a amizade é o laço que liberta e harmoniza; em O Céu de outubro, é a força que faz superar as dificuldades e levar aos objetivos desejados e na Era do Rádio, a amizade é a parte da memória que permaneceu, quando as vozes do rádio foram se tornando cada vez mais indistintas.

# CONCORRÊNCIA DESLEAL

(Concorrenza sleale)

História de Fúrio Scarpelli

Direção - Etore Scolla.

Roteiro - Ettore Scola, Furio Scarpelli,

Silvia Scola, Giacomo Scarpelli.

Fotografia – Franco Di Giacomo Música – Armando Travajoli

Produção – Medusa Film

País: França/Itália

Ano: 2000

Duração -106 min

Locadoras comerciais

O filme de Scolla se passa na Itália de 1938, ano da promulgação da legislação racial de Mussolini. Narra a história de dois comerciantes de roupas – um católico e outro judeu –, que, em meio às trapaças e discussões sem fim, descobrem uma forte amizade quando um deles sofre com a intolerância do regime fascista. Mais do que uma pesquisa sobre o período em questão, o interessante é a

percepção e reconhecimento da amizade que não se deixa abater pelos preconceitos e, principalmente, pela intolerância. Excelente oportunidade para discutir os antigos e atuais conflitos políticos raciais dos anos trinta e nos dias atuais. Especialmente, pode-se estudar as origens das intolerâncias político-religiosas que hoje têm como palco o Oriente Médio: como por exemplo, a guerra entre judeus e palestinos.

### BAGDAD CAFÉ

Direção – Percy Adlon e Christopher Doherty Fotografia – Berned Heinl Montagem – Norbert Herzner Música – Bob Telson País: Alemanha/EUA Ano:1987 Duração – 90 min Locadoras Comerciais

De acordo com a sinopse, trata-se de uma fantasia sensível e bem humorada sobre a América dos marginalizados. A história retrata a história de uma turista alemã que, durante viagem aos Estados Unidos, discute com o marido. No auge da briga, ele resolve abandoná-la em pleno deserto de Mojave, que fica no estado de Nevada. A amizade com uma mulher negra dona de um bar de estrada abre novos horizontes na vida dela. O caos instaurado no meio de um deserto. no meio de uma terra de marginalizados históricos, estrangeiros em seu próprio território ou literalmente estrangeiros nas suas diferenças raciais e sociais, mostra que esse filme pode ser discutido tanto em reuniões pedagógicas como em sala de aula. Com enfoques especí-

ficos, os mesmos temas podem ser abordados tanto pelo corpo docente como discente, porque o seu centro está nas relações humanas, essencialmente, na dialética existente em toda e qualquer relação social. Se quisermos traçar uma analogia com o cotidiano da sala de aula e de nossa prática, podemos começar pelos personagens: Brenda é a negra, o centro, mãe de uma adolescente desajuizada e de um pianista auto-didata, mandona, dona do Café localizado no meio do deserto; apesar do temperamento acolhe a todos que para lá foram e ficaram: a fazedora de tatuagens, amante da teoria do caos e de Van Gogh; o pintor e ex-ator de Hollywood, polonês de origem; o estudante apaixonado por bumerangue; o latino ajudante do Café; o índio, xerife do local; Yasmin, a turista abandonada.

Por que sala de aula? podemos perguntar. Acompanhando a história de Brenda e Yasmin, percebemos que os primeiros contatos são difíceis, são pessoas muito diferentes, que só têm um ponto em comum: as duas foram abandonadas pelo marido. Uma representava a ordem (Yasmin) e a outra (Brenda) a desordem. Yasmin tenta a aproximação, Brenda é muito desconfiada. Numa sequência memorável em que Yasmin se aproveita da saída de Brenda e limpa todo seu escritório, jogando fora tudo o que considerava desnecessário, podemos discutir dois temas muito importantes para nós professores: a invasão e o limite. Yasmin teve boas intenções mas invadiu um espaço que não era dela. Brenda chama Yasmin e explica que aquele é o seu escritório. Briga mas gosta da arrumação e passa a conservar o local (quantas vezes invadimos espaços que não são nossos e viceversa) ou, se quisermos uma outra leitura, quem é o professor e o aluno em determinadas situações?, quem invade o espaço de quem? quem estabelece o limite para quem?

Outro tema que nos é caro é a alteridade, a aceitação do outro, do diferente. Brenda é mandona, briguenta, mas acolhe a todos, não importa a raça, a cor, o nível social. Ou ainda, a dificuldade que temos de perceber o autodidata ou as habilidades imanentes de alguns alunos. Apenas para citar mais um aspecto que podemos trabalhar é o da importância de se ter uma estratégia de trabalho e, principalmente, ter claro que essa estratégia deve ser maleável e que às vezes pode não dar certo, mas o importante é tê-la e pensá-la como se fosse um bumerangue. O bumerangue que voava no céu do deserto todas as tardes e que o estudante ensina a filha de Brenda a usar, a projetar no ar, a correr atrás e fazer com que ele volte para suas mãos. Ensinando o sentido que se deve pôr na vida.

Das primeiras tentativas, passando pelas brigas, pela paciência e pelo conhecimento mútuo, Yasmin aprende a fazer mágica e, ao oferecer a flor para Brenda, diz que o que entregava era a mágica. Fica aqui a sugestão de que vejam ou revejam o filme para descobrirem qual era a mágica, qual é a mágica da sala de aula? Outra sugestão que pode ser trabalhada com esse filme é a leitura e discussão do livro Os sete saberes necessários à educação do futuro, de Edgar Morin, especialmente os capítulos VI e VII<sup>1</sup>. O CÉU DE OUTUBRO -(October sky)

Direção - Joe Johnston

Roteiro - Lewis Colick

Produção - Charles Gordon e Larrly Franco

Fotografia - Fred Murphy

País: EUA

Ano - 1999

Duração - 114 min

Locadoras comerciais

Se Bagdad café possibilita um duplo exercício: o de discutir temas que envolvem relacionamentos e a sala de aula, O céu de outubro, além de dar continuidade à temática das relações humanas, é um exemplar de como podemos aprender através de projetos. O filme se passa no ano de 1957, na cidade mineira de Coalwood, oeste da Virgínia. Pela ordem natural ou pouco natural da vida, os habitantes da cidade estariam condenados a viver nos subterrâneos das minas. Homer Hickam Jr. e seus amigos teriam o mesmo destino se não tivessem olhado para o céu, visto o Sputinik russo ser lançado e ficado fascinado pelo espaço e pelo desejo de seguir um outro destino. O sonho estava no espaço e não nos subterrâneos das minas de carvão.

Com a ajuda de sua professora e de três amigos, Homer pretende construir seu próprio foguete. Apesar da desaprovação de seu pai, mineiro de uma educação limitada, e uma série de controvérsias que ameaçam frustrar seu sonho e toda a cidade, Homer supera o que pareciam obstáculos impossíveis para realizar seu ideal.

Filme excelente para professores, que podem partir dele para sensibilizar os alunos para uma nova forma de aprender, uma vez que a aprendizagem através de projetos

MORIN, Edgard. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

requer muita pesquisa, discussão, planejamentos, exposição de resultados, avaliação e reavaliação conjuntas. Ele é interessante também como sensibilizador, mostra como é importante sonhar, buscar o sonho para que ele aconteça, e que o trabalho com projetos podem preparar os projetos futuros, pois muitas vezes descobrimos nossas habilidades e competências no processo de uma pesquisa. Baseado em história é real, traz referências, tais como as do ano de 1957, a guerra fria e o início da corrida espacial.

Pode ser interessante iniciar a pesquisa a partir dos costumes, da moda, da música, dos conceitos, do trabalho, das profissões e dos relacionamentos familiares naqueles anos. Outro começo pode ser a própria sinopse do filme, quando esta diz que o pai era um mineiro de educação limitada. Quais eram as oportunidades de trabalho naquela cidade? A pouca instrução fazia do pai um homem ruim? Como se estabeleciam as relações entre pais e filhos? Onde o sonho de Homer se chocava com as idéias do pai? O pai questionava o sonho de Homer ou não conseguia vislumbrar até onde aquele sonho era real? Perguntas que podem despertar para outras temáticas e problemas atuais.

A ERA DO RÁDIO - (Radio days) Roteiro e Direção de Wood Allen Montagem - Susan E. Morse Fotografia - Carlo Di Palma Música - Dick Hyman Narração - Wood Allen País - EUA Ano - 1987 Duração - 85min

A história é contada por meio de um garoto de família judia de classe média baixa, que vive na Nova York dos anos 40. As tramas paralelas e a narração são acompanhadas da trilha sonora que tem o melhor do *jazz* e de *blues*. O resultado é um filme de puro lirismo, que presta homenagem à época em que os rádios serviam como grande meio de comunicação de massa.

Diferentemente dos filmes anteriores, A era do rádio foi pensado como possibilidade de trazer para a sala de aula o estudo de um dos meios de comunicação que nunca deixou de ser um dos veículos de maior alcance popular. O filme fala do rádio nos anos de 1940, conhecida como a Era de ouro do rádio, quando ele já fazia parte do cotidiano das pessoas. Já estava incorporado ao dia-a-dia de todos. Se hoje a vida passa pela TV, naquela época, passava pelo rádio. O rádio era o veículo que tocava os sucessos, que dava as notícias, que embalava a imaginação com as novelas e os episódios dos heróis imaginários, que transmitia as brigas em família, que anunciava os produtos, que fabricava personalidades, que descobria talentos, que diariamente entrava nos lares e era motivo de brigas de pais e filhos que não desgrudavam os ouvidos dos rádios, que escreviam para seus ídolos, que formavam fã-clubes. E, entre outras histórias, o rádio tem uma história e se constitui como veículo que possui uma linguagem própria. Uma história fascinante que pode ser estudada sob vários aspectos: suas origens; seus inventores; seus primeiros usos pela marinha; as relações do rádio com a guerra e as fábricas de eletrodomésticos como a General Eletric e Westinghouse; o rádio e o início da formação das primeiras redes; as primeiras discussões sobre a apropriação do meio como uso exclusivo dos militares; os primeiros programas musicais; a popularização do rádio até a sua plena aceitação pelo público; a credibilidade das notícias até a estrutura do radiojornalismo; ou ainda as leituras que alguns teóricos ou historiadores do rádio fazem desse poderoso meio de comunicação de massa; seu uso atual e as possibilidades de uso e construção desse veículo nos espaços escolares.

Resumo: Ao chamar a atenção para a necessidade de se refletir sobre as mudanças que ocorrem na contemporaneidade, a autora sugere os filmes Concorrência desleal, Bagdá café, O Céu de outubro e A era do rádio como espaços de sensibilização para que se reflita sobre as mudanças no cotidiano e quais as posturas que educadores e educandos devem adotar frente aos novos desafios que a escola enfrenta, como o de formar as novas gerações. Os projetos e pesquisas que os filmes podem suscitar farão da sala de aula um espaço de criação e colaboração.

Palavras-chave: videografia, cinema, intolerância, rádio, escola

## (Space for reflection)

Abstract. By calling attention to the need for reflection on the changes that are taking place nowadays, the author suggests the movies Concorrência desleal, Bagdá café, O Céu de outubro and A era do rádio as sensitization spaces in order for people to reflect on the changes that have been taking place in day-to-day life and on the postures educators and students must have when they are confronted with the new challenges the school confronts to form new generations. The activities and research projects the movies can motivate will transform the classroom into a space for creation and collaboration.

Key words: videography, cinema, intolerance, radio, school